



## A EXISTÊNCIA DRAG EM UMA IGREJA INCLUSIVA NO BRASIL

Fátima Weiss de Jesus<sup>1</sup>

**Resumo:** Este texto é parte das reflexões de minha tese de doutorado, nele procuro descrever e refletir aspectos da etnografia realizada na (e com a) Igreja da Comunidade Metropolitana em São Paulo - ICM-SP, privilegiando existência Drag. A tese tem como principal objetivo compreender as articulações entre gênero, sexualidade e vivência religiosa nesta Igreja Inclusiva, focando na análise de como se dá a construção e valorização de “femininos” entre gays, lésbicas, travestis, transexuais e drag queens na ICM-SP. A performance do feminino, na figura da Drag, surge como espetáculo, metáfora, desconstrução e questionamento das fronteiras de gênero nas apresentações realizadas nos eventos da Igreja e também como algo a dar visibilidade coletiva (e política) à ICM-SP, como na Parada do Orgulho LGBT de São Paulo onde mais de uma dezena de pessoas (entre lésbicas, travestis, gays e drags) “se montou” de noiva e marchou na avenida Paulista nos anos de 2009 e 2010. O feminino, construído e aprendido majoritariamente por homens gays é constituído como uma espécie de dádiva que circula através das drag queens (e algumas poucas mulheres), que iniciam outros homens na “montaria” (que para alguns acontece restrita apenas às atividades da Igreja).

**Palavras-chave:** Igreja inclusiva, dragqueens, homossexualidades

### INTRODUÇÃO:

[...] é difícil você querer enquadrar todo mundo em denominações, porque **entre hetero e gay existem muitos meio termos**, uma infinidade imensa que você não tem noção. Então, é difícil você querer colocar cada um na sua gavetinha, você **não vai ter gaveta para todo mundo.**(Elias, entrevista, julho de 2009)

Não há identidade de gênero por trás das expressões do gênero; essa identidade é *performativamente* constituída, pelas próprias ‘expressões’ tidas como seus resultados. (BUTLER, 2008, p.48)

A presença de Igrejas inclusivas é recente no Brasil, as primeiras denominações foram fundadas no início dos anos 2000. Em geral, tais igrejas podem ser definidas como espaços de religiosidade cristã, voltados (ainda que não exclusivamente) para LGBTs.

---

<sup>1</sup> Doutoranda PPGAS/UFSC. Pesquisadora do NIGS- Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades. E-mail: fatimaweiss@gmail.com

Quando iniciei o campo em 2008, na Igreja da Comunidade Metropolitana de São Paulo – ICM-SP, notei a presença de poucas travestis, mas uma grande quantidade de homens gays que se auto-classificavam como “pintosas<sup>2</sup>”, que frequentavam assiduamente a igreja e que transitavam entre comportamentos associados ao masculino e feminino. Muitos homens usavam acessórios “femininos”, alguns eram chamados por nomes femininos e masculinos ao mesmo tempo e por pessoas diferentes em rodas de conversa.

Num dos primeiros cultos dos quais participei, houve um momento para os “informes”, onde o pastor chamou alguém por um nome Drag bastante conhecido na comunidade, e um homem de cerca de 40 anos, foi à frente, não “montado”, e informou que todos/as estavam convidados para o Bingo Show das Drags da ICM, que serviria para arrecadar fundos para a reforma do forro do salão de culto. Embora não estivesse “montada”, durante todo o tempo do aviso, a performance drag acontecia, através do escracho, da jocosidade e do uso do feminino para referir-se não só a si, mas às demais “meninas” que participariam do show.

Após o culto “as meninas” reforçavam o convite para o bingo show das drags, e algumas eram chamadas por seus nomes masculinos e por seus nomes drags por diferentes sujeitos, todos já familiares à el@s.

Esse tipo de “performance do feminino” era constante nos cultos e outros espaços da ICM-SP, não apenas na sociabilidade dos participantes da igreja mas também entre as lideranças religiosas, e encontravam lugar nas celebrações dos cultos. No contexto das celebrações, as lideranças religiosas brincavam com as denominações e atribuições de gênero.

Num dos primeiros cultos que observei, em dezembro de 2008, aconteceu uma celebração especial para a ordenação de dois diáconos<sup>3</sup>. No momento da ordenação um deles brincou “teve uma fase na minha vida que eu quase virei drag só pra poder usar vestido, esse dia chegou”, a comunidade riu. Percebi que estes tipos de brincadeiras eram frequentes na igreja; aos poucos, conversando e circulando entre as pessoas, percebi que estas brincadeiras eram uma forma de aproximar sujeitos “afeminados” e também de desestabilizar aqueles que tinham um modelo de masculinidade viril e receio

---

<sup>2</sup> Entre os gays, Pintosa é o homem homossexual considerado bastante feminino. Aqui o termo está sendo utilizado como um termo de autoatribuição e reconhecimento no grupo.

<sup>3</sup> Diáconos são “leigos consagrados”, ordenados a partir da comunidade para o ministério do serviço, são “auxiliares do pastor”. Este cargo não exige formação teológica e nem precede a ordenação como pastor, como em outras denominações religiosas. Este trecho do diário de campo traz mais elementos sobre a ordenação dos diáconos: “o pastor da ICMSp introduziu a ordenação dos dois diáconos, como eleitos pela comunidade, para servir e colocar para a igreja seus dons e seus talentos, para que possam officiar. Diaconato é um ministério de serviço. O pastor, na oração, pediu que Deus lhes desse força para lutar e muita vontade de servir”.

de demonstrar qualquer traço de feminilidade, demonstrando mesmo uma certa repulsa pelo feminino.

Essa complexificação do “feminino”, como vinculado a performances corporais e, sobretudo, vestimentárias, tornou-se fator relevante para a compreensão da dinâmica desta igreja. Podemos pensar, como propõe Judith Butler (2003), que se trata de um modelo que circula no interior da ICM e é vivido diferentemente por cada indivíduo@.

Marcelo Natividade (2008), em estudo de referência sobre o tema, enfatiza que as igrejas inclusivas, de modo geral, eram frequentadas por homens gays que “cultivavam uma homossexualidade discreta”. Nesse sentido, algumas denominações tinham prescrições – normas de condutas – para que seus adeptos evitassem “dar pinta”, para que não fossem “afeminados” evidenciando por um lado, como aponta Natividade, o reconhecimento de que incide sobre gays que não cultivam um “modelo discreto” de homossexualidade, e especialmente sobre sujeitos identificados ao “feminino,” como travestis e transexuais, a maior incidência de discriminação.

Encontrei, em meu campo, uma situação bastante diferente pois a ICM não pregava um modelo hegemônico e regular de homossexualidade (não havia discursos negativos acerca da promiscuidade, da monogamia, da prostituição) e nem seus seguidores eram impelidos a seguir as normas. Esta, aliás, é uma das explicações sobre não terem aderido a outras Igrejas Inclusivas.

A dicotomia “orgulho x discrição” é apontada por Marcelo Natividade (2008) como uma marca das igrejas inclusivas por ele estudadas no Rio de Janeiro e pode ser analisada também em termos de gênero. Assim, uma “homossexualidade discreta” presente, de forma análoga, nas igrejas inclusivas (em decorrência do reconhecimento das violências e estigmas) e também no movimento homossexual (muito em decorrência da epidemia de AIDS) é tensionada por diferentes sujeit@s, que procuram espaço de reivindicação e/ou reconhecimento de suas especificidades como descrito por Regina Facchini (2005 ) em relação ao movimento LGBT.

Na ICM-SP, travestis e lésbicas encontram espaço no “grupo de louvor”, bem como assumem outras funções na igreja e há uma constante valorização do “feminino”, aproximando-a de sujeit@s divers@s, como travestis, transexuais, *drag queens*, público não corrente nas outras “igrejas inclusivas”. Esta valorização e construção do feminino é parte daquilo que a ICM chama de “teologia da inclusão radical”, como desenvolverei mais adiante.

Segundo Butler (2008) é possível considerar que a heteronormatividade constrói uma coerência que oculta a “descontinuidade do gênero” para contextos heterossexuais ou não. Tal descontinuidade revela que o gênero “não decorre, necessariamente, do sexo, e o desejo, ou a sexualidade em geral, não parece decorrer do gênero” e ainda “quando a desorganização e desagregação do campo dos corpos rompe a ficção reguladora da coerência heterossexual, parece que o modelo expressivo perde sua força descritiva”. (BUTLER (2008,p.194)

Neste sentido, compreendi que uma das estratégias da ICM-SP para romper com a lógica heteronormativa, também partilhada por muitos de seus membr@s, é realizar brincadeiras, jogos e performances de inversão de normas de gênero estabelecidas.

## DRAG QUEENS: A DÁDIVA DO FEMININO CIRCULANTE

Quando o *status* construído do gênero é teorizado como radicalmente independente do sexo, o próprio gênero se torna um artifício flutuante, com a consequência de que *homem* e *masculino* podem, com igual facilidade, significar tanto um corpo feminino como um masculino, e *mulher* e *feminino*, tanto um corpo masculino como feminino. (BUTLER, 2008, p.25)

Anna Paula Vencatto afirma que a drag se define através da “montaria”; é através do ato de montar-se que a drag constrói o feminino,

A expressão *se montar* é bastante utilizada pelas *drag queens*. Pode-se dizer que uma *drag queen* não se veste ou maquia, ela se *monta*. *Montar-se* é o termo *nativo* que define o ato ou processo de travestir-se, (trans)vestir-se ou produzir-se.” (VENCATTO, 2009 p. 9)

Além de público frequente, as *drags* desempenham importante função na ICM-SP, através de seus “shows” que acontecem em todas as festividades, após celebrações de cultos e casamentos, onde a presença das drags não é apenas aceita mas incentivada, através do grupo chamado informalmente de “ministério das Drags”.

Das 16 entrevistas que realizei, 12 eram homens gays e 1 travesti, e 3 mulheres lésbicas; destes homens, seis já haviam feito apresentações como *drag queens* na igreja e apenas 2 deles “se montavam” em outros espaços, como boates e festas fora dos eventos da igreja.

O feminino das drags, construído e aprendido majoritariamente por homens gays, é constituído como uma espécie de dádiva que circula através das *drag queens* (e algumas poucas mulheres), que iniciam outros homens na “montaria” (que para alguns é

restrita apenas às atividades da Igreja). As mulheres auxiliam na montaria, especialmente nas primeiras montagens, maquiando, ajudando a colocar roupa, emprestando acessórios para aqueles que se iniciam no processo de montaria.

**Acabe** e um amigo antigo, que também frequenta a ICM-SP, formam uma dupla de Drags que desempenham o papel de *madrinhas* das demais drags da ICM-SP. Segundo **Acabe**, sua drag, que ele nomeia “Rosimere” é mais “louca”, às vezes “caricata”, às vezes “executiva” e não realiza performances como dublagem de músicas. No início, **Acabe** conta que eram apenas as duas Drags, “*para apresentar, para brincar com as pessoas, para mostrar que dá pra ler a Bíblia de tarde e dar um pouco de risada socialmente e até tomar um chá socialmente*”. Disse que não gosta de “fazer show”, de dublar cantoras, porque acha cansativo; “*eu gosto da apresentação e de criar na hora, o improvisado*”. Por isso, a estrela das apresentações era seu amigo, que fazia as dublagens.

Depois de algumas apresentações ele conta que as performances de drags permitiram que se abrisse na ICM-SP uma outra forma de expressão de fé e espiritualidade, ligada a *festa e arte*:

[...] percebia que alguns membros da igreja tinham **aquela vontade de fazer aquela festa**, de não ficar só no banco, de também não ficar só nisso, de ler a palavra, terminou a palavra e não tem nada. Aí teve o primeiro bingo, eu tomei frente [...] me montei e deu super certo, aí eu fui convidando os meninos pra fazer show e **foram surgindo os talentos e as revelações espirituais** também, porque as pessoas da comunidade, assim como outras, **precisam mostrar esse lado artístico do diferente, mas com a fé também.** (**Acabe**, entrevista, julho de 2009)

A fala de **Acabe** aponta para um ponto fundamental da ICM: de que a performance drag é um “*talento*” que não pode estar dissociado da fé, da igreja. Nesse sentido, diz que o show das drags para pessoas que “vêm de outras comunidades” nem sempre é percebido positivamente, pois eles dizem: “*nossa, pra que isso, essas palhaças, aí na frente?*”. No entanto, reforça a importância do lúdico no espaço religioso dizendo que “*mas às vezes a pessoa precisa dar um pouco de risada, é necessário*”.

O jogo entre performatividades masculinas e femininas é evidenciado por **Acabe** ao definir sua Drag Rosimere, mostrando que mais do que uma performance do feminino, sua drag é uma personagem que traz em si múltiplas expressões de gênero, Acabe define o trânsito de gênero assim,

[...] a Rosimere é completa, **ela pode ser um homem**, ela vai no banheiro e ela é homem, pode estar com salto, mas ela fica em pé, porque ela tem ferramenta pra isso, ela não vai agachar [...] **às vezes o tom de voz muda**, ela não precisa nem manter o tom de voz pra ser a Rosimere, é a personalidade nata, ela chega, faz e acontece do jeito que ela é mesmo, mas é uma personagem. Ela é uma pessoa que eu acredito que é amada, pelo pessoal. (Acabe, entrevista, julho de 2009)

**Elias**, que antes do ingresso na ICM-SP só havia se montado uma vez, relata como foi sua experiência, na Igreja, de criação de uma personagem drag, a Raiane, que para ele tem a função de fazer as pessoas se divertirem,

Depois eu entrei na ICM e descobri que os meninos se montavam e no começo, embora eu já convivesse bem com a essa questão da homossexualidade até da questão da Raiane, eu achava um pouco estranho misturar isso com a questão de religião. **Misturar a questão de drag queen com a questão de religião, eu achava meio estranho**. Nossa, mas eles são da igreja e se montam? Tipo, em evento da igreja? É baderna? Não vira baderna? Não perde um pouco o foco? Que estranho. Mas depois eu fui entendendo e fui fazendo amizade com eles também, e fui sentido vontade de estar no meio deles e então surgiu a oportunidade “tal dia a gente vai fazer um show e você vai estar junto com a gente”. O **Acabe** tava junto e deu o maior apoio, e até deu o nome, o **Acabe é minha madrinha porque ele deu o nome de Raiane**; e isso foi como começou. E toda oportunidade que a gente tem é bacana, porque tem as festas da comunidade e **é um entretenimento, as pessoas gostam e se divertem**, e a gente fica pensando que tem muitas festas, que a gente fica imaginando, se a gente não tivesse feito show, as pessoas iam vir, tomar alguma coisinha e ia ser aquela coisa, e **quando as drags vem e fazem, todo mundo gosta, todo mundo ri**, todo mundo entra no ritmo, as pessoas se soltam e dançam junto com elas e isso acontece muito e é bacana e é legal, as pessoas gostam, as pessoas elogiam muito.

Se para vários, as performances drag são vivenciadas por seu lado artístico e também como diversão, para alguns, como para **Elias** sua a performance drag além de ser uma oportunidade para vivenciar sua “*veia artística*” é também um espaço para vivenciar seu “*lado feminino*”:

[...] **saciar esse meu lado feminino** [...] é uma coisa que você realiza, no meu caso, como **eu tinha essa veia artística de teatro, esse personagem já me saciou essa parte** e também saciou esse lado feminino que a gente tem [...] Mas não é uma coisa assim, por exemplo, como a Danny, que já uma questão de personalidade feminina mesmo, a nossa questão é uma questão de **botou, fez a algararra, curtiu, fez a linha feminina mas depois tirou e acabou**. (Elias, entrevista, julho de 2009).

Na ICM-SP, **Elias** entende que a drag tem a seguinte função:

na questão de eventos a gente sempre está junto, entretenimento, sempre nessa parte também dos shows de drag e mesmo que não haja show, muitas

vezes a gente tá lá e chama **a drag e tá lá pra acolher a comunidade nos eventos, pra animar a coisa**, nos evento a gente se envolve bastante, mais nessa parte do entretenimento porque precisa ter alguém à frente pra conduzir.  
(Elias, entrevista, julho de 2009).

Na comunidade, as performances drags foram tomando maior proporção ao longo do campo e mais homens foram integrando o grupo das drags da ICM-SP. Muitos desses homens não são considerados “*femininos*”, mas foram sendo incorporados ao grupo por seu “*talento*”, incentivados pelas drags mais antigas. **Acabe** relata um exemplo,

[...] ele falou que ia fazer um show e eu perguntei se ele ia tocar alguma coisa e já pelo feeling da noite, eu pensei que seria uma grande surpresa e foi uma revelação, que a gente vai chamar no Oscar de 2009 como revelação, que é uma pessoa que tem um talento muito grande na comunidade e que tava com os olhos brilhando pra mostrar que tinha a ver com a gente, que a comunidade da ICM era o momento da pessoa, que ela podia sair, fazer aquele show por 40 minutos e voltar como um rapaz, como um senhor, e foi um sucesso de glamour, de roupa, parecia que a pessoa já fazia show há dez anos. (Acabe, entrevista, julho de 2009)

#### A PERFORMANCE DRAG NA PARADA DO ORGULHO LGBT EM SP:

A performance do feminino, na figura da Drag, surge como espetáculo, metáfora, desconstrução e questionamento das fronteiras de gênero, nas apresentações realizadas nos eventos da Igreja e também como algo a dar visibilidade coletiva (e política) à ICM-SP, como na Parada do Orgulho LGBT de São Paulo. Em 2009, após a cerimônia de união coletiva, houve um show de drags, a cerimonialista da festa foi a Drag Rosimere, que animava os convidados entre as performances de cinco das “Drags da ICM”. Na festa, as pessoas convidadas circundavam o pequeno espaço de show, atentas e entusiasmadas, enquanto noivos, noivas e lideranças da ICM-SP concediam entrevistas.

No dia seguinte pude acompanhar a “*montaria*” das drags que iriam realizar o “*protesto da ICM*” na parada. Cheguei à Igreja por volta das nove horas da manhã, algumas mulheres (todas lésbicas) estavam auxiliando na “*montagem*” das noivas. Perguntei se eu poderia ficar ali, disseram que sim e logo Danny que é travesti, perguntou se eu “*sabia fazer o olho*”, respondi que não e sua decepção foi evidente. Ao

poucos, comecei a ser chamada para prender grampos nos cabelos, perucas e arranjos de cabeça (fiquei abismada ao ver que usam base para unhas para fixar os cílios postiços).

Um rapaz, que se montava pela primeira vez, cuja Drag ainda “*nem tinha nome*”, ficou muito entusiasmado quando o corpete de seu vestido foi apertado, formando um volume de seios. Seu companheiro, que não estava vestido de noiva, passou a tratá-lo no feminino e atribuindo à sua noiva características como nervosismo, ansiedade e histeria, dizendo: “Meu esposo não é assim, mas ela é”. A noiva drag assume um caráter de persona (Mauss,2003) como personagens com vida própria<sup>4</sup>.

Pensei que minha presença não seria bem-vinda nesse processo de desnudar-se e transformar-se em noiva pois, nos trabalhos sobre drag Queens, o espaço do camarim é restrito apenas às pessoas que participam do ato de se montar (VENCATO, 2002). Entendi que, naquele momento, não se tratava de performance habitual das drags, alguns homens estavam se montando pela primeira vez e eram auxiliados pelas drags veteranas e por mulheres.

Fui extremamente solicitada para colaborar e opinar sobre a roupa e a maquiagem das noivas. Em alguns momentos eu as decepcionava pois não tinha os talentos necessários para maquiar e lidar com amarrações, pequenos botões dos vestidos de noiva e todos os detalhes que eram meticulosamente checados. Aquele feminino que esperavam de mim como dádiva (MAUSS, 2003), que circulava saberes, “*truques*” entre homens e mulheres naquele espaço, era muito mais exercido por elas que por mim.

O Sentido político daquela “montaria” ia se delineando; enquanto terminavam a montagem eu perguntava a cada um@ o que significava a sua participação como noiva na parada daquele ano como membr@ da ICM. A grande parte das noivas suscitou um

---

<sup>4</sup> **Danny** conta que antes de se “*assumir travesti*” e depois de sua “*aceitação*” como homossexual, criou uma personagem dragqueen- Kelly, “*só que ela não fez nenhum show*”, apareceu em 2005 para **Daniel** “*poder ir para a Parada*”.

Em 2007, surgiu Rayssa, que fora batizada com o sobrenome de uma “*drag famosa do ABC*”, sua primeira madrinha neste universo. Raysa apresentou-se uma única vez “*ficando guardada no baú*” até a entrada de **Danny** na Igreja Inclusiva, onde surgiu novamente fazendo shows na própria igreja junto com outras drags (em festividades da igreja) e em algumas boates.

A drag de **Danny**, entretanto, evoca sua aspiração em ter uma carreira, “*investir na Rayssa*” (além da carreira de “*estética e beleza*”). Nas performances de Rayssa, sua especialidade é “*bater cabelo*”, e suas performances apresentam uma feminilidade forte, assertiva e agressiva bastante empoderada. **Danny** caracteriza sua drag como “*uma garota ousada, uma garota que não tem vergonha, ela chega e se quer alguma coisa vai atrás, não é tímida, é uma garota totalmente desinibida, ela é uma personagem que existe, ela chega e fala: eu quero ficar com essa pessoa e vai*”. A “*personagem que existe*” portanto, se contrapõe a própria visão de **Danny** sobre si, “*toda tímida, morre de vergonha, digamos que a Danny tá um pouquinho sozinha por causa dessa timidez que ela tem, a Danny tem um feminino muito delicado, é uma mulher bem delicada, conservada e a Rayssa não*”, e segundo **Danny**, “*às vezes a Rayssa tá com tanta raiva da Danny, de algumas coisas que a Danny não faz, que ela tenta assumir a posição*”.



discurso de *igualdade de direitos*. “Nós pagamos nossos impostos, somos cidadãos, queremos os mesmos direitos” referindo-se à lei de união civil entre pessoas do mesmo sexo. Algumas poucas remeteram aos estereótipos da noiva como um sonho a ser realizado. O escracho, a brincadeira, foram levantadas também como forma de reivindicação de direitos. “*É uma brincadeira séria*”, disse uma das noivas. Dentre as noivas, o único casal de mulheres era Rosana e Salomé que havia recebido a benção no ano de 2008, na celebração coletiva, levantou também a necessidade de se fazer o registro civil da união e mostrando para mim o contrato registrado em cartório. A fala de ambas afirmava que mesmo que ainda não haja lei, é preciso que as pessoas “*lutem por seus direitos*”; elas contaram que conseguiram na justiça que o plano de saúde de uma delas fosse estendido a sua companheira.

[...] as meninas que foram vestidas de noiva levaram a cópia do seu registro de união homoafetiva, do cartório, e é uma maneira de se posicionar politicamente e a gente faz isso. Esse ano [2010], a gente vai se manifestar do mesmo jeito, em prol da união civil e da aprovação dos projetos de lei que criminalizam ou punem a homofobia. (Pastor, entrevista, março de 2010)

Na estação de metrô, o grupo chamava a atenção, mesmo daquelas pessoas que se dirigiam à Parada. Uma das noivas encontrou alguém conhecido e disse “*não tá me reconhecendo?! Sou eu, o fulano*”, evidenciando que algumas das noivas não “*se montam*” com frequência, apenas em momentos definidos como “especiais” da igreja (festas, comemorações e nos retiros no chamado “show de talentos”) e como a participação na parada, enquanto que outras são drags, detém um saber e fazem circular a dádiva do feminino entre @s que são iniciados na “*montagem*”, tornando-se Drags em determinados momentos na/para a Igreja.

Para **André** que se montava na ICM-SP pela primeira vez, depois de muitos anos, a sua drag Queen “*estava dormindo*” . Ele conta que “*há 15 anos atrás*” sua drag surgia num pequeno grupo de gays, em festas fechadas, “ali no gueto, sempre no gueto, sempre na comunidade, né? E pra paulista, sair montada na Paulista, imagina. Mas sonhava que um dia isso ia acontecer”.

**André** define sua drag como “*caricata*”, e considera que a drag é “*uma grande brincadeira*”, “*deboche*”.

Eu levei aquilo como uma caricata. Os meninos vão, todos fazerem a linha Celine Dion, sei lá, né? Muito inglês, muito francês, eu vou vir com um forró, mesmo, com um macacão de onça. Então, eu quis fazer uma caricata. Foi uma brincadeira, o objetivo foi alegrar a galera. (André, entrevista julho de 2009)

É esse deboche e irreverência que o pastor da ICM-SP enfatizou quando compartilhou, no culto posterior à parada, que a presença da Drag Rosimere, na feira cultural LGBT (ocorrida naquela semana), fez com que muitas travestis, outras drags e “*as mais pintosas*” se aproximassem do estande da igreja, e concluiu dizendo que a ICM deve trabalhar para que “*toda a diversidade possa ser incluída*” e pediu para que todos continuassem construindo “*um reino de amor, de inclusão radical*”.

Em 2009 na parada do Orgulho LGBT de São Paulo cujo tema era “Sem Homofobia, Mais Cidadania – Pela Isonomia dos Direitos!”, dez noivas (entre lésbicas, travestis, gays e drags) marcharam na Parada do Orgulho LGBT de São Paulo. Formando um bloco à frente do carro da Associação da Parada de São Paulo as noivas e outr@s membr@s da ICM-SP seguiam empunhando faixas e bandeiras, panfletando e posando para fotografias, enquanto algumas lideranças da igreja, no carro, tomavam o microfone, proferindo palavras de ordem em defesa da união civil e ao combate à homofobia.

E a parada foi o mote da união civil, ai tinha uma motivação mais política nós fomos todos de noiva com uma intenção, foi combinado aquilo. Ainda mais que eu fiz, se é pra fazer, eu quero fazer bem feito. Vamos tentar fazer uma noiva bonita, vamos tentar disfarçar a barba pra ficar legal. (André, entrevista, julho de 2009)

O reverendo afirmou que a participação da ICM na parada com “as noivas” era um protesto, uma manifestação em nome da ICM e que dias antes o diácono tinha reunido as pessoas para falar da importância dessa mobilização mas “*elas já tinham tudo na ponta da língua*”.

Ah, pra mim é a união civil. Onde assim, já é claro que já tem algumas pessoas no nosso meio que convivem juntas e que é normal. **Precisa de lei**

**pra saber que nós temos os nossos direitos e não só deveres, não só conviver com a sociedade em um único dia do ano, lá na Paulista.** Mas pessoas fazem toda essa manifestação, tiram foto, aplaudem, querem filmagem, mas que seja um apoio da sociedade, no sentido de que: “ah, eles também têm seus direitos, então vamos compartilhar com eles”. [...] **Vou me expor, mas vou me expor de uma forma positiva: “eu preciso do apoio de você no sentido de que eu compartilhe com você no dia a dia, os direitos que vocês têm”.** (Ezequiel, entrevista, julho de 2009)

Da estação de metrô Paraíso, seguimos em direção ao local de concentração em frente ao prédio da Gazeta; andamos cerca de dois quilômetros e as noivas eram fotografadas e paradas para posar com as pessoas. Lá chegando, algumas pessoas da igreja já esperavam, o Reverendo reuniu tod@s em um grande círculo e realizou uma oração pedindo que *Deus* abençoasse aquele momento, muitas pessoas ficaram em volta observando.

Chegando em frente ao carro, as noivas fizeram uma espécie de pelotão de frente e as demais pessoas ficaram encarregadas de distribuir panfletos. Oscilei entre entregar panfletos – pois eu tinha recebido um pouco deles e entendi que queriam que eu o fizesse - e observar o que acontecia em várias frentes: a movimentação no carro da Associação da Parada (onde estava o diácono, representando a ICM), a atenção dispensada às noivas que eram chamadas para conceder entrevista, a panfletagem. Ao poucos, fui ouvindo o que as pessoas diziam quando entregavam os panfletos. Um casal de mulheres jovens dizia, em tom de brincadeira: “*Quer casar? Vem visitar a nossa igreja*” ao entregar folheto. Elas estavam muito preocupadas se seriam filmadas, pois as pessoas de sua cidade não sabiam que elas eram “*casadas*”. Outras pessoas diziam “*Jesus te ama*”, enquanto distribuía o panfleto que estampava uma bandeira com cruz e arco-íris.

No culto daquela noite, intitulado “Culto do Orgulho LGBT” as falas sintetizavam o que representava para a ICM sua participação na Parada. O Reverendo iniciou afirmando que estavam “*felizes e cansados*” e que a parada foi um momento de união e uma oportunidade para “*falar de nossa proposta teológica*” e agradeceu pelas “*pessoas que tem se prontificado a levar a mensagem do Seu (de Deus) amor*”. O ministro do Louvor disse que a ICM “*vai provocar um abalo no noticiário, no mundo*”. O diácono compartilhou no púlpito que “*pegou o microfone da DJ*” que tocava no carro da Associação da Parada para falar da ICM e contra a homofobia; disse que quanto mais falarem, mais violência haverá, mas que não devem se calar, incentivando as

pessoas presentes no culto a participarem ativamente da militância LGBT na luta contra a homofobia.

A perspectiva de **Elias**, é bastante interessante, porque evoca a ICM-SP como uma igreja militante e

a gente **sente a necessidade e acha muito pontual a nossa igreja estar fazendo isso, estar junto na militância porque a gente sente na pele as dificuldades** e, se a gente tem a oportunidade de estar com um grupo que sente na pele as dificuldades e que junto quer fazer coro pra mudar a realidade, pode ser que a gente não mude pra gente, que a gente não contemple ainda em vida as mudanças visíveis, mas para as próximas gerações, quem sabe? [...] eu **estou sempre junto com a ICM, se tem a proposta da parada, que é se vestir de noiva** não simplesmente com o propósito de dar close e enfim, como o pessoal do nosso meio fala, mas se **é um propósito de reivindicar direitos iguais**, que nem tem pessoas que falam “qual o propósito de estar vestido assim?” **É a forma irreverente que a gente encontrou de estar reivindicando direitos iguais**, de estar reivindicando que nos temos direitos de viver com outra pessoa do mesmo sexo, de **ter os direitos sobre essa união reconhecidos, por exemplo, a gente poder incluir o parceiro num plano de saúde, em poder deixar testamento, em poder adotar filhos** [...]. E tantas outras coisas, de violência, hoje em dia ainda existe violência contra homossexuais, contra travestis.

Elias reforça uma idéia ampla de que militância não pode se restringir ao “movimento”,

Sim, eu acho que todos nós, enquanto homossexuais, temos essa vontade de gritar pelos nossos direitos, porque nós sentimos na pele isso. Eu acho muito estranho algum homossexual que de repente não queira se engajar nisso, que não queira se engajar nessas causas, que não esteja nem aí pra essas causas, penso comigo, que homossexual que é esse, que gay é esse? Por que ele não sente na pele as dificuldades? Ou ele é acomodado mesmo? Qual é?

A participação da ICM-SP na Parada de 2010 cujo tema foi “Vote contra a homofobia: defenda a cidadania!”, repetiu a manifestação com as noivas. Desta vez, dez homens e uma mulher desfilaram no alto do carro da CADS, com outr@s membr@s da ICM-SP, que empunhavam bandeiras da Igreja, do arco-íris (com a cruz) e atiravam panfletos para a multidão do alto do carro, enquanto outr@s membr@s da igreja desfilaram no chão próxim@s ao carro, fazendo a panfletagem.

A Parada gay, é uma manifestação política ao modo gay, irreverente então nós pegamos a questão da união civil e pensamos de que maneira a gente poderia se manifestar politicamente resolvemos juntar um monte de noivas, de drag vestidas de noiva, e vamos todos, como uma maneira de **se posicionar**, de manifestar, de mostrar irreverentemente que nós somos a favor da aprovação de leis que contemplem casais que vivem uniões homoafetivas (Pastor, entrevista, março de 2010)

O tornar público, “sair do armário” e se tornar visível foi uma constante nos discursos das lideranças da ICMSP , mas é corrente que muitas pessoas vivam a sua vida e coloquem a sexualidade, a homossexualidade, no plano do que não é público, no plano do que não é visível, e essas ações da ICM promovem uma visibilidade muito grande. A ICM-SP tem incentivado que as pessoas tornem pública a suas homossexualidades. Salomé conta que a publicização de sua relação no trabalho, na família extensa, na vizinhança ocorreu em função da grande repercussão que teve em São Paulo a celebração do primeiro casamento coletivo, onde elas foram solicitadas a dar muitas entrevistas. Salomé considerou positiva sua exposição pois tinha o apoio da comunidade religiosa, mas entende que muitas pessoas não podem “se expor” da mesma forma. O pastor da ICM reconhece que há um incentivo para que as pessoas “saiam do armário”, mas que isso não lhes é imposto,

Se elas quiserem, sim. Na verdade a gente não força ninguém a assumir nada porque isso tem um custo, tem um preço. Se você está disposto a pagar o preço da visibilidade, junte-se a nós, vamos trabalhar juntos; se não, você pode trabalhar junto conosco, e pode ficar nos bastidores, tem tanta coisa que pode ser feita nos bastidores, você talvez não possa ajudar a segurar a faixa na parada, mas você pode se montar de noiva e ficar irreconhecível no meio das noivas e participar. (Pastor, entrevista, março de 2010)

A fala do reverendo revela outra dimensão da montagem drag, o ocultamento e invisibilidade, que não é dado em outros contextos da igreja, pois todo mundo sabe quem é a drag desmontada na ICM-SP. Por outro lado, a figura da drag vestida de noiva, desconstrói, de uma forma performática, a própria idéia de casamento heteronormativo, pois a performance desestabiliza o lugar do gênero e retira o casamento da esfera daquilo que é heteronormativo e aponta para e tensão da “conjugalidade em relação ao ideário de liberdade dos desejos [...] dado no movimento LGBT no século XX em contraposição à *heteronormatividade*, a valores como *fidelidade, monogamia*, relacionamentos fixos e duradouros, ou seja, ao enquadramento na norma heterossexual”. (WEISS DE JESUS, 2008, p. 697).

#### O DRAG BALL SOCIETY:

As pessoas começaram a chegar e por mais que o pastor tenha reforçado a ideia de que todos e todas deveriam ‘se montar de mulher’, as mulheres chegavam com roupas masculinas.

O filho de uma das mulheres, um menino de 12 anos, também se montou, ajudado pelas drags da ICM-SP. Um rapaz da ICM de BH me interpelou indignado e desabafou que não achava aquilo certo, pois “estavam incentivando o menino e era desnecessário”. Não pude senão pensar se a indignação do rapaz tinha a ver com a desvalorização daquilo que considerase feminino ou com “incentivo” à homossexualidade ou a um certo tipo de homossexualidade ou identidade de gênero.

Apesar de, o pastor ter anunciado que aquele era um momento de celebração do feminino, percebi que os homens que geralmente não se montam o fizeram de maneira jocosa (palavras como “eu sou piranha!”, “baranga” foram proferidas aos gritos). As mulheres se vestiram de forma masculina (“coçavam o saco”, cuspiam no chão). As habilidades para o futebol eram o item que menos contava para escalar o time. A capitã de uma das equipes, uma travesti, escolhia seu time pelo “figurino”. O jogo/ brincadeira de futebol tomou características de um jogo jocoso sobre “papéis de gênero”. (Diário de campo, abril de 2009)

Soube que o “drag ball society” aconteceria no retiro, meses antes, quando visitava a casa do pastor. Ele me dissera que haveria um jogo de futebol drag, cujo objetivo seria realizar uma “*celebração do feminino*”. Dias depois, durante a confraternização após o culto, na casa de um casal de mulheres da ICM-SP, o jogo de futebol tornou-se o assunto principal. Algumas pessoas não concordavam com a obrigatoriedade de “*se montar*” para poder jogar futebol e as mulheres questionavam não poderem se vestir de homem e argumentavam poderiam “*se montar de homem*”, e fazer a “*troca de papéis*”.

No retiro, a relutância das mulheres da igreja em fazerem a performance drag queen e quererem realizar o drag king durante de “Drag Ball”, emerge também como um ato subversivo, denunciando que o masculino também é performativo, o que foi evidenciado na mesma noite, durante o show de talentos.

O SHOW DE TALENTOS (2009- 2010):

#### **11/04 Noite: Show de Talentos**

Percebi que toda a movimentação estava nos dormitórios onde as drags e outros homens se montavam para o show com a ajuda de algumas mulheres. Roupas, acessórios, maquiagens, perucas, echarpes, circulavam entre os dormitórios. Eu observei à distância. A montagem durou bastante tempo e mobilizou boa parte do grupo. Eu observava a “plateia” que esperava do lado de fora do salão. **Acabe**, agora Rosimere, simulava a situação de entrada numa boate, dizendo que hoje a “*casa estava fechada*” e só entrariam “*os Vips*”. Alguns reproduziam as situações típicas das boates mais “*badaladas*” de SP, citavam nomes das casas e as pessoas que eram consideradas famosas. Um entusiasmo tomava conta de todos. Rosimere, contendo o público dizia: Olha o fervo! **Sara**, do lado de fora do salão, anotava numa lista a trilha sonora que cada apresentação utilizaria, e marcava os CDs que seriam executados por **Abrão** na mesa de som. Rosimere, uma espécie de cicerone

da noite, abriu a entrada e animou a plateia. As apresentações eram bastante variadas, mesmo entre as que são consideradas do ministério das drags; as performances variavam entre um hiper feminino - que destacava delicadeza, elegância e um cuidado tremendo com a coreografia e a dublagem, e o caricato - entre a jocosidade, que trazia uma apresentação cômica nas vestes e nas músicas escolhidas. E entre as mulheres, dois casais fizeram a performance de um dueto onde uma fazia a voz (e vestia-se) feminina e a outra, cuidadosamente interpretava o par masculino (extremamente romântico). [...] Foram realizadas mais de 15 apresentações, e o pastor enfatizou que havia, dessa vez, mais pessoas se apresentando que na plateia; no último retiro foram apenas 5 apresentações, segundo ele. A plateia era contemplativa, gritavam como tietes nas apresentações (Linda! Maravilhosa!). Participavam, se divertiam e dançavam. Aproximavam-se e formavam casais. A palestra do pastor, na manhã, me pareceu muito apropriada para o contexto do show, onde além da “celebração do feminino” a aproximação afetivo-sexual aconteceu com muita naturalidade. Um intercâmbio religioso e também afetivo-sexual (Diário de campo, abril de 2009)

Em 2010, o show de talentos tomou proporções maiores e a valorização da performance drag por parte dos membros da ICM-SP pôde ser observada pelo empenho de um grupo de homens, que não se montam, em realizar um documentário sobre as drags durante o retiro. O documentário “Que bafo, como nasce uma drag?” tinha o objetivo de, através de uma pergunta, “*dar uma ‘martelada’ no seu pensamento, nas suas ideias, nas sua maneira de pensar. Sem preconceito algum dê sua resposta: como nasce uma drag?*”.

Foi realizada uma produção bastante cuidadosa, cortinas pretas ao fundo do palco onde também foram realizados os cultos durante o retiro.

As filmagens foram realizadas antes, durante e depois do show, que aconteceu no sábado, segundo dia do retiro. Procurei acompanhar o percurso dos rapazes. Participaram do show de talentos oito drags da ICM-SP. Diferentes significados eram atribuídos às drags: as próprias drags, remetiam às ideias de *expressão do feminino*, de ser mais *pintosa*, *dar close*.

Danny disse que sua drag estava em sua “essência”, mas que para ser drag e fazer com que ela exista é preciso investir com roupas e acessórios, e exercitando a performance para que ela fique “*sempre mais bonita*”.

Entre o público que assistia o show a performance drag aparece como arte, expressão de alegria, emoção. Muitas pessoas ficavam realmente emocionadas durante as performances com músicas românticas, que dublavam cantoras americanas como Mariah Carrey e Whitney Houston.

A performance da drag exerce um fascínio, que não está circunscrito apenas na admiração da performance artística; creio que esse fascínio advenha, sobretudo, da

possibilidade simbólica do trânsito, mesmo para sujeitos que entendem a drag como um *dom* para determinados sujeitos. De fato, a drag revela, em potência, a possibilidade de trânsito e novas configurações de masculinos e femininos.

Butler, afirma que a performance drag, ao “imitar” o gênero, “relewa implicitamente a estrutura imitativa do próprio gênero – assim como a sua contingência” (2008, p.196).

Assim, creio que tanto para @s performers quanto para a “plateia” as performances desestabilizam e conflitam com suas próprias construções de gênero e sexualidade, pois seguindo a proposta de Butler,

[...] parte do prazer da vertigem, da performance, está no reconhecimento da contingência radical da relação entre sexo e gênero diante das configurações culturais de unidades causais que normalmente são supostas naturais e necessárias. No lugar da lei da coerência heterossexual, vemos o sexo e o gênero desnaturalizado por meio de uma *performance* que confessa sua distinção e dramatiza o mecanismo cultural de sua unidade fabricada. (2008, p.196/197)

É preciso compreender que, no argumento da autora, o qual sigo, a ideias de paródia de gênero ou mesmo aquilo que as mulheres levantaram como “*troca de papéis*” é analisada sob a perspectiva de que não há de um original que essas identidades parodisíacas imitem. Neste sentido, a paródia do casal heterossexual apaixonado, performatizado por mulheres lésbicas num contexto de homossexualidades, revela o caráter construído da heterossexualidade. Para Butler, tais práticas revelam através do riso, que o “original”, “o autêntico” e o “real” são construídos como efeitos e não detém substância. Ou seja,

A perda das normas de gênero teria o efeito de fazer proliferarem as configurações de gênero, desestabilizar identidades substantivas e despojar as narrativas naturalizantes da heterossexualidade compulsória de seus protagonistas centrais: os “homens” e “mulheres”. (2008, p. 211)

Para @s sujeit@s que realizam a performance da drag, ainda há diferenças entre sua performance do feminino e a construção do feminino de mulheres e travestis, **Elias** descreve como percebe as diferenças,

O feminino dela [travesti] é muito forte, então ela queria ser mulher mesmo, ela não quer fazer uma operação de mudança de sexo, por enquanto, pelo menos, mas ela quer ter peitos, ela que se vestir e passar 24 horas vestida de mulher [...] é uma coisa dessa feminilidade em alta mesmo. E agora é que, diferente da mulher [...] ela é hetero, a drag é um pouco mais pintosa, é um



pouco mais exagerada, ela explora o lado feminino assim ao extremo: se é uma bota, a bota tem que ser com um salto imenso. A travesti, ela se assemelha mais à mulher, ela já quer usar uma calça jeans como as mulheres usam, um teilleurzinho, elas até fazem a linha de show mas elas querem estar no dia a dia como uma mulher, colocadas como um mulher, e as drags não, elas gostam de explorar esse exagero feminino, gostam de salto alto, mas um salto suuuper alto, o cabelo super bonito, uma peruca super, uma maquiagem super exagerada, as joias tem que ser dez quilos de joia, aquela coisa assim, entendeu? Risos. Bem exagerada, o decote, se tiver decote, se for um macacão tem que ser aquela coisa bem apertada, é isso. (Elias, entrevista, julho de 2009)

Interessante perceber que, na fala de **Elias**, a mulher aparece como hetero e não tem atribuições específicas, é o dado. No entanto sua narrativa sobre as travestis e as drags evidencia o caráter fabricado do gênero, também para as mulheres “hetero”, ainda que sob uma pretensa naturalização.

## UMA IGREJA *QUEER*?

A drag nasce de uma confusão, própria do século xx, do que seja masculino e feminino - a sociedade ocidental criou o mito da masculinidade e com isso virou uma estrutura opressora tanto a mulheres quanto a homens e nesse sentido a drag é paródia dessa grande mentira do ocidente: de que mulher e homem são papéis claramente distintos e desiguais. A drag... A nossa cultura rebaixa a condição da mulher e oprime a mulher, e a condiciona a uma vida de submissão, a drag- uma figura masculina, quando incorpora o feminino parodia a própria masculinidade, a mentira, a masculinidade dominante, faz com que a gente reflita que as identidades são mais repressoras do que libertárias. O nascimento de uma drag é uma libertação! (depoimento de diácono da ICM, retiro, abril de 2009)

A existência drag, nesta igreja inclusiva, é utilizada política e “pedagogicamente” pelo pastor, para colocar em discussão percepções sobre identidade de gênero e sexualidade de diferentes sujeit@s e fazer compreender os argumentos da Teologia Inclusiva neste contexto.

As experiências de sujeit@s diversos, durante suas trajetórias, fez pensar que sexualidade e gênero são “infinitamente intercambiáveis”, nos termos propostos por Butler (2003) e LaRetis( 1991) e como as essas criações identitárias continuaram criando margens, sejam elas quais forem , mesmo entre lésbicas, gays, e transgêneros.

Desta perspectiva, a *queerização* dos discursos pode ser identificada pela relutância em se fixar numa categoria específica, como na afirmação “*homossexual, bissexual, essas categorias não me definem, eu sou um ser humano, sou sexual*” pode ser analisada como a faceta pós identitária do *queer*. Mesmo que as pessoas criem suas

ficções identitárias e as acionem e performatizem estrategicamente, elas não se definem inteiramente pelas categorias, suas experiências e trajetórias extrapolam qualquer tentativa de fixação.

Penso que a experiência na própria ICM-SP é facilitadora destes processos, pois na Igreja não há “guetos” e os marcadores sociais das diferenças como o lugar das identidades, são borrados pela vivência religiosa coletiva, embora existam tensões e conflitos.

Durante a pesquisa de campo, percebi que não havia categoria auto evidente e que eu deveria tomar cuidado para não aprisionar em categorias pré-definidas o que observava. Nesse sentido, posso questionar, mesmo, se enfatizar esses marcadores não acabaria por reforçar a heteronormatividade nesse espaço não hetero, ao invés de demonstrar como as identidades eram construídas e continuamente desestabilizadas.

Por isso, optei por trabalhar através de Butler, numa perspectiva que, embora não negue as identidades, as retira do lugar de substância e as coloca como efeito, contingentes e privilegia o trânsito, ao invés de identidades fixas.

A teoria *queer* evidencia um processo normalizador que cria seres considerados menos humanos ou até mesmo abjetos (BUTLER, 2003). A afinidade da teoria *queer* com as narrativas d@s membr@s da ICM-SP são evidenciadas por meio da desnaturalização das narrativas que envolvem categorias como lar, casamento, família, de sexo, identidade, corpo e sexualidade, categorias presentes nas falas institucionais e nas tensões expressas nos sujeit@s pesquisados.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M.V. Quando a máscara esconde uma mulher. In: Outros destinos: Ensaios de Antropologia e Cidadania. Porto: Campo das Letras, 2004. pp-211-222.

BUTLER, J. Problemas de Gênero. Rio de Janeiro: Editora Record, 2003 (2008).

FACHINI, R. Sopa de Letrinhas? Movimento homossexual e a produção e identidades coletivas nos anos 90. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

MAUSS, M. Ensaio sobre a Dádiva: Forma e razão das trocas nas sociedades arcaicas. In: Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosac & Naify, 2003. pp-185-318.

\_\_\_\_\_. Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

NATIVIDADE, M.T. Deus me aceita como eu sou? A disputa sobre o significado da homossexualidade entre evangélicos no Brasil. 2008. Tese doutorado Antropologia e Sociologia- UFRJ, Rio de Janeiro.

RODRIGUES, E. L. As Igrejas Inclusivas: O Movimento Homossexual buscando seu espaço no meio evangélico. 2007. Apresentação Oral. XIV Encontro Nacional da Abrapso, São Paulo.

\_\_\_\_\_. Igrejas Evangélicas Inclusivas das cidades de São Paulo e Guarulhos: Um estudo psicológicos das igrejas vistas por seus pastores. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia, PUC, São Paulo, 2009.

VENCATTO, Anna P. Existimos pelo prazer de ser mulher: uma análise do Brazilian Crossdresser Club. (Tese de Doutorado) Programa de Pós Graduação em Antropologia e Sociologia, UERJ,2009.

\_\_\_\_\_. Fervendo com as drags: corporalidades e performances de drag queens em territórios gays da Ilha de Santa Catarina. (Dissertação de Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFSC, 2002.

WEISS DE JESUS, Fátima. De afins e afetos: conjugalidades, parentalidades e novas identidades. *Rev. Estud. Fem.* [online]. 2008, vol.16, n.2, pp. 696-699.